

AUTONOMIA INFANTIL: UM IMPORTANTE APRENDIZADO

“A educação é o ponto onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos”

Hannah Arendt

Se definirmos autonomia como ser governado por si ou como ter liberdade de escolha teríamos, nós educadores, pais e professores, pouca ou nenhuma interferência sobre esse ato. Sabemos, contudo, que a conquista da autonomia passa por estágios de disciplina e pela construção de um conjunto de regras que norteiam as ações da criança e facilita sua interação com outras crianças e com os adultos.

A medida que a criança se desenvolve, tanto física quanto emocionalmente, vai se tornando capaz de fazer algumas coisas por si mesma e vai adquirindo autonomia. A conquista da autonomia deveria ser, dentro desta perspectiva, um momento de grande realização tanto para os pais quanto para os filhos, pois demarcaria o crescimento de ambos. Porém, vimos pais se colocarem frente a grandes indagações: será que meu filho é capaz de se trocar sozinho? De fazer lição sozinho? Indagações que, na maioria das vezes, se tornam impedimentos para a criança se desenvolver em toda sua potencialidade.

É inevitável que, diante de tantas adversidades de um mundo em constante mutação e com tantas intercorrências, tenhamos buscado na escola e na família um modo de proteger nossos filhos – aos quais tanto amamos – das ameaças do mundo moderno, criando um universo perfeito onde nada ou muito pouco pode atingir aqueles que temos como nosso bem mais precioso. Por isso, aceitamos suas ameaças, satisfazemos todas as suas vontades, preenchemos seus quartos com brinquedos, oferecemos nossos serviços a fim de privá-los do menor esforço e, sem percebermos, enquanto alimentamos todos seus desejos, roubamos-lhes a oportunidade de construírem um bem muito valioso: A AUTONOMIA.

Se queríamos adultos independentes, seguros e criativos parece que o que conseguimos foi o oposto desse desejo, ou seja, adultos inseguros e eternamente dependentes dos pais.

Tem sido freqüente e cada vez mais comum, observarmos adultos julgando as crianças como incapazes de realizarem pequenas tarefas diárias com responsabilidade, tais como: organizar seu próprio material escolar, arrumar suas camas, tomar banho e comer sozinho, realizar as lições de casa, resolver seus pequenos conflitos com os colegas etc.

Ao anteciparmos todas suas vontades e todos os seus problemas, impedimos nossas crianças de lidarem com a falta, sentimento importante para a estruturação da personalidade humana. Impedimos de desenvolverem a iniciativa e a capacidade de lutar por aquilo que desejam. Criamos “pequenos reis e rainhas” que fazendo “jus” a este lugar sabem mandar e comunicar suas últimas vontades, mas são incapazes de tomarem decisões e executarem pequenas atividades com autonomia e segurança. Nossas crianças se tornam meras espectadoras da vida, aguardando que diante de qualquer sinal apareçam, de maneira mágica, seus pais e professores para que resolvam seus problemas. Vivem num mundo irreal e agem como personagens principais de uma história de fantasia.

Infelizmente a realidade se impõe. E, por mais que tenhamos protegido nossos filhos, um dia o mundo estará diante deles e não há como recuar ou deixar de viver. Sabemos que viver é uma experiência intensa, cheia de angústias, conflitos e conquistas que nos ajudam a construir o que somos e o que desejamos ser. Abraçar esta jornada pode ser uma grande aventura. E nós, pais e educadores podemos oferecer muitos dos instrumentos necessários para esta viagem.

Não se trata de delegar, de uma hora para outra, todas as decisões para nossos filhos sem prepará-los diariamente para isso. Como diz o ditado, “ninguém nasce sabendo”. Autonomia se ensina.

E como podemos fazer isso?

Uma pessoa é autônoma, na medida em que se torna capaz de julgar e agir com responsabilidade, preocupando-se consigo e com as pessoas do ambiente em que vive, respeitando seus valores e os ideais do grupo. Como todo ato de educar, ensinar autonomia exige paciência e trabalho árduo. É no dia-a-dia que mostramos as crianças que existem

muitas tarefas que são capazes de resolver sozinhas e fazer de cada uma destas atividades uma obrigação a ser exercida com responsabilidade. Arrumar as camas, ir ao banheiro sozinho, comprar pães sozinho, dirigir-se à sala de aula sem a presença do professor, comportar-se de maneira adequada mesmo na ausência de um adulto, organizar seu próprio material e fazer as tarefas de casa, vestir-se e cuidar da organização de suas roupas etc.

Gradativamente, podemos mostrar aos nossos filhos que existem algumas atividades que já são capazes de realizar sozinhos, que parte de seus pequenos problemas podem ser resolvidos por eles mesmos, com a orientação de um adulto, mas não necessariamente com a presença do mesmo. Com o passar dos anos eles serão cada vez capazes de resolverem seus pequenos problemas com segurança, utilizando como guias, os valores consolidados por aqueles que os educaram.

Esta tarefa de “soltar as rédeas” não é fácil, já que envolve um certo desapego ao sentimento de posse que costumamos construir com relação a nossas crianças. Contudo, é um desafio necessário ao qual precisamos vencer se quisermos que nossos filhos desenvolvam “raízes profundas, sejam árvores fortes, resistentes aos ventos intensos e as geadas da vida.

Ana Lúcia Naletto

Lélia de Cássia Faleiros

*** Psicólogas Educacionais e Coordenadoras do Centro Maiêutica**